



ARTIGOS - ARTICLES

**Empatia na área da saúde: Estudo de caso na obra
Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago**

Samira Schultz Mansur
Profa. Dra. em Neurociências
UFSC
samira.mansur@ufsc.br

Nikoly Nunes Vicente
Fonoaudióloga
Residência médica em andamento UFSCAR
nikolynunesv@gmail.com

Resumo: A empatia é uma habilidade inata que pode ser aprimorada por meio dos relacionamentos. Esta pesquisa teve o objetivo principal de compreender as relações de empatia no contexto da área da saúde na obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, além de identificar o comportamento de empatia na interação entre médico e pacientes em recortes da narrativa e exemplificar alternativas para desenvolver empatia na área da saúde. Sugere-se que o comportamento empático entre profissionais da saúde e seus pacientes, o qual pode ser desenvolvido pela literatura, arte e meditação, melhora a prática clínica e favorece a relação de confiança entre ambos, promovendo qualidade ao atendimento com repercussões no tratamento.

Palavras-chave: empatia, relações médico-paciente, profissionais de saúde, José Saramago.

***Empathy in the health area: a case study of
Blindness, from Jose Saramago***

Abstract: Empathy is an innate ability that can be enhanced through relationships. This research aimed to understand the empathy relations in the context of health area in José Saramago's book named *Blindness*, as well as to identify the empathy behavior in the interaction between physician and patients presented in the narrative and exemplify alternatives for developing empathy in health field. It is suggested that the empathic behavior between health professionals and their patients, which can be developed by literature, art and meditation, enables the improvement of clinical practice and favors the relationship of trust between them, enabling quality and improvement to treatment.

Keywords: empathy, physician-patient relationship, health professionals, José Saramago.

Introdução

O ser humano pode ser compreendido em sua individualidade a partir de seus aspectos biológicos e psíquicos e, para o seu pleno desenvolvimento, necessita estar inserido na sociedade, pois naturalmente é um ser gregário. A partir do convívio social e das possibilidades de interações entre pessoas de diversas culturas e educação, surgem oportunidades de autoconhecimento e aprendizado - por exemplo, ao entender e respeitar a vida do outro -, as quais são permeadas pelo comportamento empático, impulsionador do cuidado com próximo e a coletividade em diversos contextos, tal como na área da saúde.

Neste sentido, Hipócrates (460 a.C a 377 a.C) iniciou a abordagem de humanização do cuidado, uma concepção inovadora sobre o funcionamento harmonioso do organismo e a relação deste com a natureza¹. O filósofo ressaltou a proteção de aspectos fundamentais para a prática médica, aos quais se incluem o sigilo profissional, os limites de conduta e o respeito absoluto à vida, ao paciente e à família. Após Hipócrates, Claudio Galeno (129 a.C a 217 a.C) foi o maior benfeitor da saúde humana; para ele, muitas das complicações do organismo eram unicamente por motivos emocionais, reconhecendo a importância das emoções para se manter a saúde, o que nos permite notar que, desde os primórdios da humanidade, houve tentativas diversas de se entender o corpo humano e sua relação com a mente e a natureza². Atualmente, a medicina expressa o progresso de um conhecimento acumulado por milênios.

Desta forma, vivências individuais ou a relação que as pessoas têm entre si, sejam elas nos ambientes familiares ou profissionais, ao ocuparem a rotina de vida diária,

¹ GOTTSCHALL, Cam. Medicina Hipocrática antes, durante e depois. Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul, v. 53, p. 1689-1699, 2007. Disponível em: https://cremers.org.br/conteudos/livros_e_cartilhas/medicina_hipocratica.pdf.

² STÜLP, Camille Bertha; MANSUR Samira Schultz. O estudo de Claudio Galeno como Fonte de Conhecimento da Anatomia Humana. Khronos, v.7, n. 17, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/159295>.

traduzem a importância da interação social e, por conseguinte, o entendimento do comportamento humano, no qual se inclui a razão e a emoção. Para esta compreensão, destaca-se a relevância do conhecimento da empatia³.

Etimologicamente, empatia deriva da palavra grega *empathia*, que significa *paixão* ou *ser muito afetado*, e foi utilizada inicialmente pelo campo estético por meio dos conceitos de *self* e obras de arte⁴. No entanto, a psicologia foi a área que mais amplamente estudou o termo, com a proposta de identificar o que está na consciência da outra pessoa e, depois, seu estudo expandiu-se a outras áreas do conhecimento.

De acordo com Falcone *et al.*⁵, a empatia é dividida em três aspectos fundamentais: o afetivo, o cognitivo e o comportamental. O afetivo é expresso por um interesse genuíno em atender às necessidades do outro; o cognitivo é entendido como a tomada de perspectiva, autoconsciência, reconhecimento e compreensão de estados mentais das outras pessoas; e o comportamental ou motivacional funciona de forma integrada, direcionada com o intuito de oferecer auxílio e conforto a alguém. Os aspectos emocionais e afetivos da empatia combinados com seus aspectos cognitivos conduzem à compreensão do outro. Ressalta-se que na contextualização do significado da empatia é necessário delimitar o que é seu e o que é do outro.

A empatia é considerada um comportamento inato, porém, não é automático, sendo flexível e influenciado por fatores interpessoais, contextuais e experimentais do indivíduo que se refletem na evolução desta habilidade. Neste viés, desde os primeiros meses de vida o bebê demonstra o compartilhamento de emoções quando identifica e responde junto ao choro de outros bebês, o que aponta para uma habilidade empática e que é inerente ao ser humano⁶.

³ LOCKWOOD, Patricia L. The anatomy of empathy: vicarious experience and disorders of social cognition. *Behavioral Brain Research*, v. 311, p. 255–66, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.bbr.2016.05.048>.

⁴ TASSINARI, Marcia Alves; DURANGE Wagner Teixeira. Experiência empática: da neurociência à espiritualidade. *Rev da Abordagem Gestáltica*, v. 1, p. 53-60, 2014. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/pdf/3577/357733920007.pdf>

⁵ FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; FERREIRA, Maria Cristina; LUZ, Renato Curty Monteiro da; FERNANDES, Conceição Santos; FARIA, Camila de Assis; D’AUGUSTIN, Juliana Furtadao; SARDINHA, Aline; PINHO, Vanessa Dordron de. Inventário de Empatia (I.E): Desenvolvimento e Validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica*, v. 7, n. 3, p. 321–334, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v7n3/v7n3a06.pdf>

⁶ TOUSIGNANT, Béatrice; EUGÈNE, Fanny; JACKSON, Philip L. A Developmental Perspective on the Neural Bases of Human Empathy. *Infant Behavior and Development*, v. 48, p. 5-12, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.infbeh.2015.11.006>.

Pesquisas neurocientíficas têm explicado como o cérebro humano consegue adotar a perspectiva de outra pessoa⁷ a partir da atuação de áreas cerebrais na complexidade das emoções⁸. Em estudos de neuroimagem funcional foram mostradas alterações na atividade de estruturas corticais e subcorticais envolvidas nas emoções, cujo processamento ocorre na área denominada sistema límbico, o circuito emocional do cérebro.

Haja vista a influência que a empatia recebe das condições ambientais em que a pessoa vive, o desenvolvimento e o aprimoramento de suas facetas emocionais, cognitivas e motivacionais podem ocorrer por meio de treinamentos específicos aos quais o indivíduo se submete. Assim, o controle das emoções ou a motivação para cuidar do outro podem se refinar ao longo dos anos com treinamentos que conduzem a atitudes altruístas e a comportamentos pró-sociais. Vale adicionar que sentimentos de generosidade e altruísmo são algumas das melhores características do ser humano, conforme José Saramago⁹.

Levando-se em consideração a importância da empatia no relacionamento interpessoal, tal como é observado entre profissionais da área da saúde e seus pacientes, e a pertinência da literatura para se compreender as relações humanas, realizou-se neste trabalho o estudo da obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, a partir do qual se questionou: é possível identificar empatia nas interações entre os personagens da narrativa, tal como o médico e seus pacientes?

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender as relações de empatia no contexto da área da saúde na obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago. Os objetivos específicos consistiram em identificar o comportamento de empatia na interação entre o médico e seus pacientes, ocorrida em recortes apresentados pela obra, e exemplificar alternativas para desenvolver empatia na área da saúde.

⁷ CLARKE, Eric; DENORA, Tia; VUOSKOSKI, Jonna. Music, Empathy and Cultural Understanding. *Physics Of Life Reviews* v. 15, p.61-88, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.plrev.2015.09.001>.

⁸ KOELSCH, Stefan. Investigating the Neural Encoding of Emotion with Music. *Neuron*, v. 98, n. 6, p.1075-1079, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuron.2018.04.029>.

⁹ ANDRADE, Tamires Gonsalves de; CARVALHO, Deciane Pintanela de; BORGES, Liane Rodrigues; COSTA, César Francisco Silva da; SILVEIRA, Rosemeri Silva da; FERNANDES, Geani Farias Machado; MENDES, Daniel Pinho; FERREIRA, Simone Zanotta VAGHETTI, Helena Heidtmann. O uso da empatia por profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. 12º Mostra de Produção Universitária, Rio Grande do Sul, 2013.

Materiais e Métodos

Trata-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos¹⁰. A coleta dos dados foi realizada junto a base de dados *Science Direct*, bibliotecas e sites de diversas instituições de pesquisa, universidades e repositórios acadêmicos e científicos, usando-se a palavra empatia junto a descritores tais como: cérebro, sistema nervoso, saúde, medicina, literatura, treinamento, meditação música, arte.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se da análise do discurso, cuja unidade textual foi o livro *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago¹¹. Após a leitura da obra, foram selecionados recortes da narrativa com contextos empáticos para esta análise, na qual o texto é definido como a unidade complexa de significação, constituindo-se no processo de interação¹². Ademais, é uma pesquisa qualitativa, na qual os dados, verbais e/ou não verbais, orientam a condução do estudo¹³.

O contexto empático da obra analisado nesta pesquisa se relacionou a interações na área da saúde, tais como o médico junto a seus pacientes e entre outros integrantes da história. Vale esclarecer que a interação do médico, cuja especialidade é a oftalmologia, e seus pacientes, foi identificada a partir da consulta oftalmológica ocorrida no início da narrativa.

A compreensão do contexto de empatia nas relações mencionadas foi auxiliada pelo instrumento de avaliação de empatia denominado Inventário de Empatia. Este instrumento é composto por 40 itens relacionados a diferentes interações sociais de acordo com os componentes cognitivos, afetivos e comportamentais da empatia, possibilitando respostas baseadas na frequência desses comportamentos (nunca, raramente, regularmente, quase sempre, sempre). Estas frequências não foram usadas no presente estudo, mas, sim, seus itens, os quais serão descritos entre parênteses, ao longo do texto, na seção de resultados e discussão.

A análise em tela, segundo Orlandi, mostra que o sentido do texto não está em cada um dos interlocutores separadamente, mas no espaço discursivo criado entre eles

¹⁰ MOREIRA, H; Caleffe, LG. Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 208, 245 pp.

¹¹ SARAMAGO José. Ensaio Sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia das letras, 1996, 310 pp.

¹² ORLANDI, Eni Pulsinelli. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez, 2008.

¹³ PINTO, Diana. Análise do discurso, o uso de imagens e o campo da saúde: aspectos teórico-metodológicos. *Reciis*, v. 5, n. 2, p.5-12, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3395/reciis.v5i2.490pt>.

e que demonstra a incompletude da linguagem. Assim, a seleção dos itens do Inventário foi realizada de acordo o contexto de interação entre os personagens em cada recorte, a qual correspondeu a momentos vinculados à consulta oftalmológica. A apresentação dos dados seguiu a ordem cronológica da narrativa e será descrita em duas seções, conforme a seguir.

Resultados e Discussão

Ensaio sobre a Cegueira: empatia na interação entre o médico e seus pacientes

A obra intitulada *Ensaio sobre a Cegueira*, escrita em 1995 por José Saramago, é um romance que trata a história de uma epidemia de cegueira ocorrida sem motivo aparente e que se dissemina entre as pessoas de uma cidade. O fato atinge a ordem da civilização. Como resultado, o caos se estabelece na sociedade e as pessoas são abandonadas e sentem desprezo e descuido perante si e seus pares. A intenção do autor foi retratar a essência do ser humano, mostrando uma face egoísta e violenta, ao mesmo tempo em que aponta para valores sociais como a compaixão, a solidariedade e a empatia.

O comportamento de empatia que aparece na obra em tela durante a interação do médico oftalmologista e seus pacientes e cuja identificação está relacionada a um dos objetivos deste manuscrito, será tratado neste item a partir da análise da primeira consulta. Na sala de espera do consultório, esperavam para serem atendidos um homem mais velho com uma venda preta em um dos olhos, um menino estrábico acompanhado por uma mulher que deveria ser a mãe, uma mulher nova de óculos escuros e duas outras pessoas sem sinais particulares em relação à visão.

O primeiro cego atingido repentinamente pela cegueira dirigiu-se ao consultório oftalmológico com sua esposa. Ao chegar, devido à gravidade do caso em comparação com os demais pacientes, o médico solicitou que o indivíduo passasse imediatamente para a consulta. Em virtude disso, a mãe do rapaz estrábico protestou alegando estar em primeiro lugar e que esperava há mais de uma hora, comentando que “o direito é o direito”. Os demais acometidos pela cegueira e que aguardavam no local “apoiaram-na em voz baixa, mas nenhum deles, nem ela própria, acharam prudente insistir na reclamação”. Contrariamente, o velho do olho vendado disse: “Deixem-no lá, coitado, aquele vai bem pior do que qualquer de nós”.

A mãe do rapaz estrábico sentiu-se incomodada com a solicitação do médico e logo demonstrou seu ponto de vista, sem antes ouvir qualquer explicação (quando alguém expõe uma opinião contrária à minha, sinto-me incomodado e procuro logo demonstrar o meu ponto de vista). Ela teve aparentemente o apoio dos demais pacientes que aguardavam, mas que pareciam entender as razões do médico mesmo se sentindo frustrados após a negativa de suas reclamações (se eu fizer um pedido e receber uma negativa, procuro entender as razões do outro, mesmo me sentindo frustrado/a). Nota-se a dificuldade da mãe em se colocar no lugar daquele paciente cego e este comportamento levou-a a perceber apenas a sua necessidade. Em contrapartida, o velho do olho vendado não conseguiu ficar calado ao presenciar o absurdo diante do que ocorria frente ao outro cego (não consigo ficar calado quando ouço alguém falar um absurdo), parecendo realizar uma atitude empática, já que demonstrou saber colocar-se no lugar de uma pessoa que estava revelando um problema - o outro cego, com deficiência visual mais grave do que os demais que aguardavam a consulta, e atentando para a forma como se sentiria e pensaria se estivesse na situação de outrem (Costumo me colocar no lugar de uma pessoa que está me revelando um problema para ver como me sentiria e o que pensaria se a situação fosse comigo).

Assim que o indivíduo com deficiência visual mais grave e sua esposa entraram na sala de atendimento, o médico disse: “Sentem-se, por favor, ele próprio foi ajudar o paciente a acomodar-se, e depois, tocando-lhe na mão, falou diretamente para ele, Conte-me lá então o que se passa consigo”. Neste recorte, o médico expressa a sua preocupação com sensibilidade e respeito, características fundamentais a quem tem a função de cuidado perante o paciente, uma vez que este se encontra em estado de fragilidade devido a seu problema de saúde¹⁴. A situação narrada aponta o interesse do médico durante a primeira conversa com os pacientes, revelada por sua postura atenta (Durante uma conversação procuro demonstrar interesse pela outra pessoa, adotando uma postura atenta). Ou seja, o comportamento de empatia pôde ser identificado e aparece como um elemento importante especialmente nas profissões que cuidam da saúde, as quais, por sua característica, requerem a interação com pessoas que frequentemente se encontram sensibilizadas por seu diagnóstico e tratamento¹⁵.

¹⁴ LEITE, Telma Alves de Almeida Fernandes; STRONG, Maria Isabel. A Influência da Visão Holística no Processo de Humanização Hospitalar. *Mundo da Saúde*, v. 30, n. 2, p. 203–214, 2006. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/35/influencia_visao.pdf.

¹⁵ COSTA, Fabrício Donizete da; AZEVEDO Renata Cruz Soares de. Empatia, relação médico-paciente e formação em medicina: um olhar qualitativo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 34, n. 2, p. 261–269, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/DXLM4sxwdBNtjGcvBCSZ-rSJ/?lang=pt&format=pdf>.

A empatia é um elemento importante nas relações humanas e está presente em processos interacionais que requerem no mínimo duas pessoas¹⁶. Constitui uma das habilidades sociais que distinguem as espécies não humanas e humanas, já que, nestas, há a possibilidade da tomada de perspectiva, autoconsciência, consciência sobre o outro, preocupação empática, contágio emocional e até mesmo o entendimento da expressão verbal e não verbal entre as pessoas, diferente do que aparece naquelas¹⁷.

Nesta perspectiva, a interação narrada entre os pacientes ao aguardarem no consultório, mostrou a dificuldade aparente da mãe do rapaz estrábico em entender o que se passava com o paciente mais grave, ao mesmo tempo em que o velho do olho vendado comportou-se de forma oposta. Por este ângulo, vale citar que a faceta cognitiva da empatia engloba o que se denomina tomada de perspectiva, ou seja, a capacidade de reconhecer o ponto de vista de outra pessoa¹⁸. Representar e relatar os próprios estados mentais permitirão o conhecimento inferencial do estado mental do outro, desempenhando uma função importante na regulação das emoções e na flexibilidade cognitiva, corroborando com o significado da empatia como um construto multidimensional que tenciona a partilhar experiências¹⁹.

Já o componente afetivo da empatia, cuja caracterização envolve o compartilhamento de emoções sem a tomada de perspectiva, apresentou-se durante a consulta no diálogo entre a mulher e seu marido, pois, ao saber que os olhos de seu marido estavam perfeitos e neles não havia lesões, “A mulher juntou as mãos num gesto de alegria e exclamou, Eu bem te tinha dito, eu bem te tinha dito, tudo se ia resolver?”. Observa-se que a mulher pareceu sentir a emoção do outro, expressando em seu discurso a preocupação diante do caso e a felicidade diante da boa notícia.

Vale salientar a atitude do médico ao finalizar a conversa com o paciente cego na consulta descrita, já que ao ser perguntado se havia cura para o seu caso, o profissional respondeu que, embora não encontrasse lesões evidentes tampouco malformações, ele não poderia ser afirmativo, demonstrando preocupação e atenção, dizendo: “Só por

¹⁶ SILVA, Maria Ivonete Coutinho da. Ensaio Sobre a Cegueira : um olhar que transcende. Dissertação de Mestrado. Recife, 2002. 108pp.

¹⁷ LISBOA, Antonio Marcio Juqueira. Ensino Holístico da Medicina. Conselho Federal de Medicina, Brasília, p. 9–177, 2015.

¹⁸ HEALEY, Meghan L.; GROSSMAN, Murray. Cognitive and affective perspective-taking: evidence for shared and dissociable anatomical substrates. *Frontiers in Neurology*, v. 9, p. 1-8, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fneur.2018.00491>.

¹⁹ DECETY, Jean; YODER, Keith J.. The Emerging Social Neuroscience of Justice Motivation. *Trends In Cognitive Sciences*, v. 21, n. 1, p.6-14, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.tics.2016.10.008>.

cautela, só porque não quero dar-lhe esperanças que depois venham a mostrar-se sem fundamento”¹¹. Esta situação corrobora com um comportamento empático, uma vez que foi feito um questionamento ao médico e ele, ao invés de responder friamente e “sem rodeios”, explicou e teve cuidado com as informações que forneceria ao paciente (Quando alguém me faz um pedido que não posso ou não quero atender, digo “não” sem rodeios).

Um dos pilares essenciais do momento de interação citado é a comunicação²⁰. O profissional que oferece, durante a consulta com seu paciente, uma escuta empática e uma análise global do seu caso, que não esteja direcionada apenas aos sinais e sintomas da doença apresentada, permite uma relação de confiança e vínculo entre ambos²¹. Neste seguimento, na consulta narrada, após examinar os olhos do indivíduo e não constatar qualquer lesão, solicitou alguns exames, entregou o papel a esposa do paciente e disse: “[...]Aqui tem, minha senhora, volte cá com o seu marido quando tiver os resultados, se entretanto houver alguma modificação no estado dele, telefone-me... acompanhou-os à porta, balbuciou uma frase de confiança [...]”.

Neste recorte, ressalta-se a atitude positiva do profissional e a demonstração de empatia ao preocupar-se com o estado de saúde do paciente fora do consultório. Da mesma forma, comunica estar disponível para atendê-lo em outra situação, acompanha-os até a porta e fala algumas palavras de confiança ao enfermo. Em razão disto, é pertinente citar que “algumas palavras ditas a tempo sempre foram capazes de resolver dificuldades que um discurso profuso não faria mais do que agravar”.

É importante apontar que a presença de deficiências, sejam elas de quaisquer tipos, pode diminuir a qualidade de interação social²². Atualmente, pessoas com deficiências ainda enfrentam dificuldades nos âmbitos social, cultural e econômico para se

²⁰ NASCIMENTO, Hugo César Filardi; FERREIRA JÚNIOR, Wander Alves; SILVA, Antonio Márcio Teodoro Cordeiro; CARVALHO, Iracema Gonzaga Moura de; BASTOS, Gabriela Cunha Fialho Cantarelli; ALMEIDA, Rogério José de. Análise dos níveis de empatia de estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 42, n. 1, p.152-160, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1rb20170057>.

²¹ PEIXOTO, Mônica Monteiro; MOURÃO, Anna Carolina das Neves; SERPA JUNIOR, Octavio Domont de. O encontro com a perspectiva do outro: empatia na relação entre psiquiatras e pessoas com diagnóstico de esquizofrenia. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 3, p. 881-890, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015213.04782015>.

²² HOLANDA, Cristina Marques de Almeida; ANDRADE, Fabienne Louise Juvêncio Paes de; BEZERRA, Maria Aparecida; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; NEVES, Robson da Fonseca; ALVES, Simone Bezerra; RIBEIRO, Kátia Suely Queiroz Silva. Support networks and people with physical disabilities: social inclusion and access to health services. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 1, p.175-184, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014201.19012013>.

inserir plenamente em sociedade. Por isso, ressalta-se a importância do olhar empático para esta parcela da população, especificamente no que tange à dificuldade física exposta pela obra analisada e a reflexão sobre a dignidade humana, conforme propõe o trecho abaixo:

“[...]Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma, A alma, perguntou o velho da venda preta, Ou o espírito, o nome pouco importa, foi então que, surpreendentemente, se tivermos em conta que se trata de pessoa que não passou por estudos adiantados, a rapariga dos óculos escuros disse, Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos [...]”²³.

A cegueira permite ao homem conhecer a si mesmo e ao outro, numa dimensão significativa que não passa necessariamente pelo mundo visível. A hipótese de o homem não olhar mais para si, tampouco para o outro, na experiência da subjetividade, levou o autor a tematizar a cegueira dos olhos biológicos, todavia, o ensejo era despertar o leitor para aquilo que vai além do que olhos podem se dirigir, sendo, sobretudo, um mergulho no que não se pode ver.

Esta seção descreveu alguns momentos do encontro clínico entre o médico e seus pacientes, narrado na obra *Ensaio sobre a Cegueira* e possibilitou analisar, embora parcialmente, o contexto empático da consulta oftalmológica. A seguir, serão exemplificadas alternativas para o desenvolvimento da empatia, especialmente entre profissionais da área da saúde.

Empatia: como desenvolvê-la na área da saúde?

A fim de alcançar o cuidado e o conforto diante da saúde das pessoas, os profissionais da área da saúde devem levar em consideração, além de seu aprendizado técnico, conhecimentos que abrangem maneiras de interagir com sensibilidade e comportamentos que os levem a adquirir confiança junto a seus pacientes. Desta forma, atenta-

²³ SARAMAGO José. *Ensaio Sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 262.

se para o fato de que os diversos campos do saber, embora tenham suas peculiaridades e compromissos específicos com as condições de saúde, requerem a compreensão da importância do aporte multiprofissional, no qual os atendimentos se complementam para fornecer qualidade aos pacientes. Esta ideia pode ser extraída do livro na citação a seguir:

“[...] Que será aquilo, recuperara o espírito científico, o facto de a agnosia e a amaurose se encontrarem identificadas e definidas com precisão nos livros e na prática, não significava que não viessem a surgir variantes, mutações, se a palavra é adequada, e esse dia parecia ter chegado. *Há mil razões para que o cérebro se feche*, só isto, e nada mais, como uma visita tardia que encontrasse cerrados os seus próprios umbrais. *O oftalmologista tinha gostos literários e sabia citar a propósito*” (grifo nosso)²⁴.

Tendo isso em vista, profissionais da saúde não devem se dedicar a curar apenas aspectos da saúde física, mas também lidar com os aspectos sociais e emocionais das doenças. O Ministério da Saúde preconiza que a saúde seja entendida como qualidade de vida e não apenas ausência de doenças, sendo o resultado das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde ²⁵.

Neste sentido, a medicina hipocrática considerava a saúde como um estado de equilíbrio entre corpo, mente e natureza. Hipócrates, assim como Galeno e outros estudiosos, descreveram que a restauração do bem-estar mental do paciente deve ter um olhar médico. Destaca-se que na prática médica - assim como em quaisquer interações entre profissionais da área da saúde -, é relevante a formação ética e moral. Parafraseando Saramago, a consciência moral sempre existiu, todavia muitos insensatos a têm negado.

Estar atento às emoções do paciente é tão importante quanto atentar aos seus sinais físicos, uma vez que a alteração emocional pode estar enraizada em muitos estados

²⁴ SARAMAGO José. Ensaio Sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 29.

²⁵ BRASIL Lei nº 8080 de 19 de setembro de 1990. Conselho Nacional de Saúde. 1990.

patológicos²⁶. De forma similar, os profissionais podem ser afetados pelas emoções de seus pacientes, sendo que, por intermédio da empatia, podem aprender a ser sensíveis sem estarem vulneráveis emocionalmente.

Embora se perceba que a maioria dos profissionais reconheça o valor da empatia na prestação de cuidados ao paciente, relatam dificuldades para entender, estudar e desenvolver este comportamento devido a condições associadas a um ambiente de trabalho estressante, com tendência ao desgaste físico e mental²⁷, fatores que interferem no diálogo entre tais sujeitos²⁸. Comportamento menos empático tem sido associado a mais estresse²⁹, enquanto mais empatia se relaciona à sensação de bem-estar e menos estresse entre os profissionais.

Interessante notar ao longo da narrativa que, mesmo em um ambiente estressante, o médico demonstrou ser empático. Isto, pois, ao presenciar uma discussão entre dois cegos, tenta cerceá-los das ofensas alertando para o fato de que todos eram deficientes naquele momento e ninguém haveria de culpar outrem, corroborando com uma manifestação de sensibilidade. Ademais, era essencial não perder o respeito por eles próprios e evitar conflitos.

A literatura relata o aumento de sinais e sintomas relacionados à depressão entre os profissionais da área da saúde, manifestados, a exemplo, por insatisfação profissional, exaustão emocional ou insensibilidade ao próximo³⁰. Nessas circunstâncias, o aspecto humano do cuidado eventualmente acaba sofrendo negligência, resultando em uma atitude mais tecnicista e menos empática.

²⁶ DONOSO-SABANDO, Claudia Andrea. La empatía en la relación médico-paciente como manifestación del respeto por la dignidad de la persona. *Persona y Bioética*, v. 18, n. 2, p. 184–193, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pebi/v18n2/v18n2a08.pdf>

²⁷ TAKAKI Maria Harue; SANT'ANA Débora de Mello Gonçalves. A empatia como essência no cuidado prestado ao cliente pela equipe de enfermagem de uma unidade básica de saúde. *Cogitare Enfermagem*, v. 9, n. 1, p.79–83, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1708>.

²⁸ ALBUQUERQUE, Maria Cícera dos Santos de; SOUZA, Dilma Ferreira Silva de; MAYNART, Wilams Henrique da Costa; BEZERRA, Luís Filipe Dias; CASSIMIRO, Adnez Regina Tertuliano da Silva; CAVALCANTE, Jairo Calado. Nurses empathy in an emergency hospital service. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 28, p.1-13, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2017-0406>.

²⁹ YUGUERO O, ESQUERDA M, VIÑAS J, SOLER-GONZALEZ J, PIFARRE J. Ethics and empathy: The relationship between moral reasoning, ethical sensitivity and empathy in medical students. *Revista Clínica Española (English Edition)*, v. 219, n. 2, p. 73-78, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30318248/>

³⁰ DEPRET, Oneide Regina; MAIA, Edmara Bazoni Soares; BORBA, Regina Issuzu Hirooka de; RIBEIRO, Circéa Amália. Health and well-being: art therapy for health professionals working in outpatient care settings. *Escola Anna Nery*, v. 24, n. 1, p.1-9, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2019-0177>.

No entanto, há pesquisas que mostram a possibilidade de desenvolver a empatia com treinamentos e hábitos específicos, tal como ocorre por meio da arte ³¹. Uma maneira de se avaliar esta habilidade é pelo uso de medidas neurofisiológicas, já que os seus efeitos atingem o sistema nervoso e, por conseguinte, o comportamento.

De acordo com estudos de ressonância magnética realizados por Valk *et al.* ³², as funções cerebrais envolvidas na afetividade e na cognição são plásticas e podem ser alteradas pelo contexto social, bem como por meio de treinamento mental. Os autores encontraram mudanças na morfologia cortical e no comportamento empático a partir de atividades de meditação, na qual foram incluídos treinos voltados ao afeto e à tomada de perspectiva. Os resultados mostraram a relevância do córtex da ínsula na expressão de condições basilares para a sociabilidade, tais como a empatia e a compaixão.

Bal e Veltkamp³³ relatam que é possível desenvolver a empatia pela leitura de ficção quando o leitor se torna emocionalmente transportado para dentro da história. Ler sobre outra pessoa experimentando emoções e eventos específicos, ativa estruturas neurais no leitor, tal como se estivesse experimentando as ações em si. Vale, neste viés, interpretar a citação de Saramago quando expõe que “fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca”.

Neste contexto, Depret *et al.* demonstraram que a arteterapia constitui um processo terapêutico, tanto se realizada em grupo ou individualmente, uma vez que foi evidenciada a melhora da qualidade de vida de profissionais e pacientes que se submeteram a esta prática. Entende-se por qualidade de vida a capacidade de um o indivíduo em perceber seu potencial, trabalhar produtivamente, lidar com as tensões da vida e do trabalho e contribuir com a comunidade.

³¹ DECETY, Jean. The neural pathways, development and functions of empathy. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, v. 3, p.1-6, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cobeha.2014.12.001>.

³² VALK, Sofie L; BERNHARDT, Boris C; TRAUTWEIN, Fynn-Mathis; BÖCKLER, Anne; KANSKE, Philipp; GUIZARD, Nicolas; COLLINS, Louis; SINGER, Tania. Structural plasticity of the social brain: differential change after socio-affective and cognitive mental training. *Science Advances*, v. 3, n. 10, p. 1–12, 2017. Disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/3/10/e1700489>.

³³ BAL, P. Matthijs, VELTKAMP, Martijn. How does fiction reading influence empathy? An experimental investigation on the role of emotional transportation. *PLoS One*, v. 8, n. 1, 2013. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0055341>.

Sevdalis e Raab³⁴ descreveram outras artes no desenvolvimento da empatia, exemplificadas pelo esporte, música, dança, as quais são consideradas primordiais na investigação de tendências empáticas e da compreensão da mente, a qual, por sua complexidade e importância, requer dedicação, motivação, generosidade e altruísmo para ser apreendida. A necessidade desta compreensão é abordada no livro em tela quando se relata que “há ocasiões em que as palavras não servem de nada, quem me dera a mim poder também chorar, dizer tudo com lágrimas, não ter de falar para ser entendida”.

Considerando o exposto, denota-se que o engajamento dos profissionais da saúde em atividades artísticas e práticas integrativas tanto individuais como em grupo impulsionam o desenvolvimento da empatia, refletindo-se em sua saúde física e mental e na qualidade de sua prática clínica.

Considerações Finais

A empatia é uma habilidade social que ganhou grande espaço para estudo atualmente e faz parte de um conceito multifacetado, complexo e subjetivo o qual pode ser abrangido por diversas áreas do conhecimento. A literatura é um instrumento relevante para estudá-la, uma vez que a empatia pode desenvolver-se e aprimorar-se quando o indivíduo consegue se envolver emocionalmente com a história lida e interpretada.

A leitura da obra *Ensaio sobre a Cegueira* possibilitou a articulação de diferentes saberes, como literatura, neurociência e atuação prática na área da saúde. Observou-se, através da análise crítica do discurso entre o personagem do médico e seus pacientes, a presença de um atendimento clínico empático. O olhar do especialista durante a interação com o paciente voltou-se não apenas para a habilidade de se colocar no lugar do outro, mas também, na ação de tornar humanas as relações.

Evidências apontam que, na área da saúde, uma rede de serviço estável, sensível, ativa e humanizada atua como um fator de proteção para a saúde. Portanto, é relevante apostar em práticas voltadas para o corpo, mente e cognição, isto é, a arte em suas diversas formas, a meditação e a leitura, para o pleno exercício da medicina, já que estas são capazes de promover modificações a nível cerebral e comportamental no indivíduo, melhorando suas habilidades empáticas.

³⁴ SEVDALIS, Vassilis; RAAB, Markus. Empathy in sports, exercise, and the performing arts. *Psychology Of Sport and Exercise*, v. 15, n. 2, p.173-179, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2013.10.013>.

O contexto de empatia entre profissional da saúde e paciente é essencial para promover a qualidade de vida de ambos bem como para o estabelecimento de vínculo e consequente confiança. Isto conduz a um atendimento otimizado, sensível e proporciona melhores condições de evolução do tratamento.